

Mulheres e (es)passos urbanos

HELEN LEONARDA ABRANTES*

Resumo: O texto seguinte é resultado de uma apresentação no *Seminário de Integração Curricular das Ciências Humanas e Sociais I e II*, na PUC Minas, sob o tema *Cidade, cidadania?*. O objetivo é refletir sobre os percursos das mulheres nos espaços urbanos, a partir de uma construção discursiva narrativa-expositiva. Nesse sentido, entrecruzo minha experiência no grupo *Calma Clima* – o primeiro *running crew* na capital mineira, que propõe descortinar uma cidade invisível, envolvendo a caminhada e a corrida – às conquistas das mulheres brasileiras, porém atravessadas por um cotidiano opressor e violento em razão da questão de gênero. Fundamentado na obra *A invenção do cotidiano*, de Michel de Certeau, que compara o ato de caminhar com o de enunciação, o texto a ser lido atualiza a ordem espacial da escrita acadêmica, articulando traços teóricos e rastros poéticos, conforme foi a proposta do seminário: uma reconfiguração do espaço de saber, um caminhar dos debatedores entre os alunos.

Palavras-chave: Mulher; Gênero; Violência; Cidade; Caminhada; Michel de Certeau.

Women and urban (s)paces

Abstract: The following text results from a presentation given on the topic *City, citizenship?*, in the *Seminar of Curriculum Integration of Humans and Socials Sciences I and II* (*Seminário de Integração Curricular das Ciências Humanas e Sociais I e II*), at PUC Minas. My goal is to reflect about the pathways of women in their urban experiences, as I develop an expository narrative. For this purpose, I interlace my own experience with *Clime Calm* (*Calma Clima*) – the first running crew in the Brazilian city of Belo Horizonte, capital of Minas Gerais State, with the purpose of unveil the invisible city, through the practice of running and walking – to the Brazilian women's achievements, however pierced by a daily life of oppression and violence due gender issues. Well-founded in Michel de Certeau's theoretical work, *The Practice of Everyday Life*, which compares the act of walking with the one of enunciation, the text to be read updates the spatial order of the academic writing, articulating theoretical traces and poetic tracks, as the seminar proposed: a refiguration of the knowledge space, the debaters walking among the students.

Key words: Woman; Gender; Violence; City; Walk; Michel de Certeau.



* HELEN LEONARDA ABRANTES é doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas e bolsista da CAPES. [Mestre pela mesma instituição]. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa “África e Brasil: repertórios literários e culturais” (PUC Minas), no qual investiga a escrita literária africana de autoria feminina.

Era uma terça-feira, à noite, correndo e caminhando por ruas, avenidas, morros, asfalto, cascalhos, gramas, asfalto, terras, calçadas, asfalto, canteiros, lá estava eu, chamem-me de Virgínia, Rosa, Madalena, ou o nome que apetecer, porque o eu são muitos. O sujeito em primeira pessoa do singular é, de fato, costurado de fôlego, cansaço, vultos, lembranças, agouros, expectativas, vozes, dores; tecido de tempos e espaços que se abraçam, esbarram, colidem, e nessa sutura há esquecimentos, vácuos, buracos, interstícios. Esse eu acredita que queria ser, ao menos escrever em, a serena e notável língua em terceira pessoa, que se embevece por observar o todo, o conjunto. Todavia, sua língua é caminhante e, astuciosamente, joga com as palavras, tal qual o praticante da cidade que experimenta tanto o previsível quanto o inesperado, vivencia as sinuosidades das relações fáticas no caminhar, uma forma de resistir a uma cidade retilínea e vertical.

Era uma terça-feira, à noite, repito para não esquecer, confesso: minha mente está cansada. Mas já no começo do texto? A largada não é a mesma para todas as pessoas, além disso a cidade não me deixa parar e oxigenar-me. Esforço-me para escamotear o pensamento em tráfego exaustivo, os meus insubordinados caminhos, mas me rendo e visto a fantasia heroica da mulher urbana. A Cidade-modelo, sem ruas nominais, apenas números, sem as lendas e superstições dos bairros, é enriquecida, como afirmou Certeau, com novos atributos: “ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade (CERTEAU, 2003, p. 174).

Nas ruas de Belo Horizonte e em hora inapropriada para meu gênero, estava eu, correndo por lugares pouco

experienciados, quando alguém puxa o grito Calma!, e todas e todos passam a caminhar, vão parando e conversando. Quando se percebe que centenas de corredores e caminhantes estão mais próximos uns dos outros, num encontro entre os que ficaram para trás com os da frente, gritamos Clima!, e os diversos corpos recomeçam o corre, descortinando horizontes pelos quais não estávamos habituados a transitar, “seja por segurança ou por estarmos condicionados aos carros ou ônibus”, observa Biagioni.

“Respire. Caminhe. Corra. Descubra. Reconheça”. Esse é o mote do Grupo **Calma Clima**, o primeiro *running crew* – febre nas principais cidades do mundo – da capital mineira, uma maneira atualizada de se conectar com Belo Horizonte por meio da caminhada e da corrida. Bernardo Biagioni, idealizador do grupo na cidade, é escritor, fotógrafo, curador e corredor calminante, atributo de quem participa do grupo, já que, usando as próprias palavras do realizador, “não se trata[va] de performance, velocidade, corpo ou resultados. Mas, possivelmente, um instrumento potente de me relacionar mais intimamente com a cidade” (BIAGIONI, 2019). Acrescento: é provável que, para várias mulheres calminantes, esses sejam os primeiros passos de apropriação dos espaços na cidade morroenta, de experimentação dos sentidos criativos, ousados, fascinantes da rua, de descoberta de outros caminhos e percursos possíveis, além do espaço doméstico, privado, no qual as mulheres acredita(ra)m como a única possibilidade de dar sentido à sua vida, uma vez que cresce(ra)m sob a repetição de modelos geracionais, sob a repetição do discurso opressor, violento, patriarcal.

Eufórica do *running crew* (já sei até falar inglês), chego em casa, protegida da rua que ainda me intimida. Todavia, de vez em quando, meu pai bate na minha mãe, às vezes dói; meu irmão exige comida e roupa lavada, se ela negar, às vezes dói; meu tio me (im)pressiona, só às vezes choro, porque mãe e filha aprenderam que não somos sexo frágil. O doce lar faz parte do relatório do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), que analisou os homicídios de mulheres e meninas relacionados ao gênero: “Das 87 mil mulheres assassinadas globalmente em 2017, cerca de 50 mil foram mortas por um parceiro amoroso ou familiar. Até 30 mil – 34% – dos feminicídios foram cometidos por companheiros íntimos.” (LUGAR..., 2018).

Deito e a mente convulsiva me impulsiona a relacionar e confrontar teorias e práticas, vida acadêmica, vida profissional, vida doméstica, vida de mulher nas experiências urbanas. Tenho muitas vidas. Deve ser sorte. Corpo de múltiplas tarefas, em trânsito caótico, corpo em performance, palavra, corpo e cidade se amalgamam. Não posso sentir o tempo, minha largada foi tardia. Não sei se durmo ou se deliro, só sei que meu coração palpita. Tento respirar e manter a calma, a alma. Busco em algum canto do meu cérebro exausto um conceito de cidade. Nas palavras do sociólogo norte-americano Robert Park,

[é] a tentativa mais bem-sucedida do homem de reconstruir o mundo em que vive o mais próximo do seu desejo. Mas, se a cidade é o mundo que o homem criou, doravante ela é o mundo onde ele está condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem qualquer percepção clara da natureza da sua tarefa, ao construir a cidade o homem reconstruiu a si

mesmo. (PARK *apud* HARVEY, 2012, p. 73).

Como se pensou a cidade para além do gênero masculino? Qual(is) é(são) o(s) desejo(s) das mulheres para que a cidade não fosse feita também para ela? Como e quem produz o desejo e necessidades delas? Distingue (m)-se dos homens? Isso implica quais arquiteturas, circulações e apropriações urbanas para e pela mulher? Temos medo dos bairros, das ruas, da nossa casa. Estaremos imputadas a viver assim? Quero destruir essa cidade-medo. Como? Como ampliar as conexões com os variados e complexos espaços e praticantes urbanos? Não carece de inquirições porque existe uma Lei que me ampara. No Brasil, o direito à cidade está descrito no Estatuto da Cidade, sob a lei 10.257/2001, cujos incisos I e II, do art. 2o, dispõem sobre o direito a cidades sustentáveis. O estatuto regulamenta os artigos referentes à política urbana no âmbito federal, nos arts. 182 e 183 da Constituição Federal de 1988 – CF/1988 (BRASIL, 2016). Palavras bonitas. Eu li. No entanto, como exigir o cumprimento das palavras se mal tenho tempo para sobreviver. Sou responsável pela vida severina? Estarei condenada à grande via dolorosa?

Durmo e tenho pesadelos com a cidade-papel que, pretensiosamente planejada à distância da pluralidade do real, se transforma em grandes avenidas, viadutos, muros altos, condomínios, uma cidade monumental. Projetada em conjunto pelo administrador do espaço citadino, pelo urbanista, pelo cartógrafo, pelo arquiteto, a cidade é destinada aos escolhidos, à semelhança de um *voyeur*, cujo gozo reside em “totalizar o mais desmesurado dos textos humanos”, um arrebatamento violento de domínio sobre o observado (CERTEAU, 2003, p.

170-171). A cidade monstruosa se ergue diante de mim e devora os lugares por onde eu poderia andar, correr, brincar; destrói os atalhos, as curvas; minimiza as calçadas.

Assusto-me: é uma cidade que organiza nossa trajetória em duas pontas apenas – partida e chegada – e manipula nossa memória e subjetividade, fazendo-nos esquecer outros modos de estar no mundo. A própria língua fortalece a cidade maiúscula, na terceira pessoa do singular, distanciando-se para que se constitua uma cidade isenta, universal, laboratorial. Michel de Certeau confronta a cidade-conceito ao destacar o plural das práticas urbanas, vindas dos “caminhantes”, “pedestres”, “praticantes ordinários da cidade”, “usuários que astuciosamente jogam com as ocasiões”, pois são estes que, apesar de “uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local por onde é permitido circular) e proibições (por exemplo, por um muro que impede prosseguir)”, atualizam, deslocam, inventam, multiplicam outras possibilidades de idas e vindas. (CERTEAU, 2003, p. 177-178).

Esqueci de me apresentar, sou a carioca Eleonora Mendonça, a primeira mulher brasileira a correr uma maratona olímpica, nos Jogos de Los Angeles (1984). Fui também a organizadora da corrida de rua no Brasil. Lutei pelo direito de participação das mulheres brasileiras nessa modalidade, pois, até 1975, era vetado a elas o direito de participar da São Silvestre, prova mais tradicional do país, realizada desde 1925. Então, em 1976, corri a São Silvestre.

O relógio me desperta, que sonho caótico, não sou Eleonora, sou apenas Teresa, é hora da partida, estou atrasada, que dia é hoje? Corro para

pegar o ônibus. Entro e respiro. Caminho dentro do coletivo apertado, cheio de pessoas disputando lugares para, ao menos, colocarem os pés. Encontro um espaço para me acomodar. Recebo uma voz mecânica. Uma jovem me explica que o apito serve para ajudar as vítimas a denunciar o assédio sexual dentro dos transportes coletivos. A partir do sinal de socorro emitido pela mulher, o motorista ou trocador poderá acionar a Guarda Municipal por meio de um novo botão de pânico instalado nos veículos (RICCI, 2018). Acho engraçado. Me deu vontade de apitar, só para me divertir. Esmoreço porque me lembro da infância quando os meninos podiam fazer barulho, rir alto, falar palavras despropositadas; a mim, pediam para andar e vestir de modo comportado, falar baixo, sorrir apenas, e não correr, porque eu poderia me machucar e ficar com o corpo todo feio, porque é feio meninas voarem. Todavia o meu irmão, o meu vizinho, o meu colega, todos eles alçavam voos. Sopro essas lembranças-zumbidos e, com calma, desço do ônibus, mas logo corro para o trabalho porque estou atrasada.

Chego à empresa, ofegante, recebo uma rosa, hoje é o dia internacional das mulheres, só ar é que me faltava, não uma flor, mas tudo bem, serei gentil, aprendi a ser. Velozmente, executo as tarefas com pressão. Sou uma das poucas mulheres que ocupa a parte que nos cabe na cidade-latifúndio – 39% dos cargos gerenciais, grande porcentagem para um corpo-carne-serventia. E ainda as trabalhadoras recebem, em média, 20,5% menos que os homens no país, embora as mulheres estudem mais em relação ao gênero masculino, 23,5 contra 20,7. Ressalvo: esses dados se referem à cor branca, porque as cores preta ou parda encontram-se na casa dos 10,4% e 7%, respectivamente, mulheres e homens, segundo dados do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018, p. 1-2). Respiro fundo. Quero apitar.

A cidade-fálica, com medo de encolher sua economia, evita admitir mulher pelo seu potencial de gravidez, já que isso é um custo alto para o empresário e para o saber acadêmico também. Sempre penso que a cidade visível não é para aqueles corpos cuja subjetividade fora construída sob uma invisibilidade genital, quando, aliada a isso, sua existência não tem a cor mágica da meritocracia. Contudo, pela via online, procuro estar conectada, porque, assim, no olho do ciclope, há bons presságios:

O currículo acadêmico Lattes vai permitir a inclusão da data de nascimento ou de adoção de filhos de pesquisadores após manifestações e estudos sobre o impacto da maternidade e paternidade na carreira de cientistas – principalmente das mulheres. O dado ajudaria explicar uma queda na produtividade nesse período. (WATANABE, 2019).

Na via dolorosa da cidade-saberfálica, não basta preencher dados sobre a minha condição de mulher reprodutiva, porque, em algum momento da quilometragem, teremos que compensar o atraso e manter a boa estatística que nos felicita por assinarmos 72% dos artigos científicos publicados pelo Brasil, como mostra o estudo **As desigualdades de gênero na produção científica ibero-americana**, do Observatório Ibero-americano de Ciência, Tecnologia e Sociedade (OCTS), pesquisa feita entre 2014-2017. Não posso arfar, a contragosto, continuamos atrás dos homens, visto que os dados são comparativos entre mulheres no espaço ibero-americano, destaca a pesquisa.

Há certos corpos e cores que não cabem na cidade-lattes. Afugento essa justificativa-fantasma porque preciso me apressar para a faculdade. Chego esbaforida à sala de aula, sento e já me deparo com o(a) professor(a) questionando uma aluna sobre o fato de ela levar sua filha pequena para a sala de aula. No meu tempo de estudante, não havia isso, afirmou ele(a). Sim, porque não havia tantas mulheres nesse espaço e acrescentei com agudeza: mas não é absurdo a sua empregada doméstica preta deixar o filho dela à mercê de quem? Por um instante pensei na minha mania de meter onde não fui nomeada, por um fôlego quase senti culpa pela minha falta de educação, até que me lembrei dos versos do poeta português José Régio:

[...]

A minha glória é esta:

Criar desumanidade!

Não acompanhar ninguém.

— Que eu vivo com o mesmo sem-vontade

Com que rasguei o ventre à minha mãe

Não, não vou por aí! Só vou por onde

Me levam meus próprios passos...

[...]

Se vim ao mundo, foi

Só para desflorar florestas virgens,

E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!

O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós

Que me dareis machados, ferramentas e coragem

Para eu derrubar os meus obstáculos?...

Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,

E vós amais o que é fácil!

Eu amo o Longe e a Miragem,

Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátria, tendes tetos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios.
Eu tenho a minha Loucura!
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

(RÉGIO *apud* ANDRADE, 2009, p. 9)

Devaneei, por quanto tempo? Só sei que a relação entre maternidade e estudos universitários está em debate no Congresso Nacional, sob o projeto de lei nº 12/2018 e outras propostas (RESENDE, 2018). As atuações das mulheres nos variados espaços urbanos exigem outras formas de organização social. A contrapelo de quem tenta harmonizar antinomias.

Já estava na segunda aula quando reli as reflexões de Certeau: “a utopia do saber ótico leva consigo há muito tempo o projeto de superar e articular as contradições nascidas da aglomeração urbana” (CERTEAU, 2003, p. 172). E ainda: “o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos”, afirmou CERTEAU, 2003, p. 177, sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido do ano de publicação da obra, página, grifo do autor, conforme as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Não foi erro de revisão, antes de que o leitor ache estranhas as descrições de como referenciar um autor. Estranha é a cidade que construíram para as mulheres. Repito tudo para aprender, porque minha mente está cansada. Mas

e a bell hooks? Como seriam as normas para essa teórica feminista preta estadunidense que opta em escrever seu nome em letras minúsculas? E como ficaria o pretoguês da intelectual brasileira Lélia Gonzalez? O que é enunciação? Segundo Émile Benveniste, a “enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, a pessoa se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor. (BENVENISTE, 1989, p. 82-84). Conforme o linguista britânico R.L. Trask:

[...] quando falamos, não produzimos propriamente sentenças: produzimos, sim, enunciados. Um enunciado é um fragmento de fala marcado de algum modo como unidade; por exemplo, por meio de pausas e pela entonação. [...] cada vez que você disser *O que tem hoje de almoço?* Você produzirá um novo enunciado. Cada um desses enunciados pode diferir consideravelmente de outros: pode ser mais lento ou mais rápido, mais alto ou mais baixo; pode ser alegre ou ansioso, entediado ou desconfiado. Mas todos correspondem à mesma sentença. Além disso, um enunciado pode, pura e simplesmente, não corresponder a uma sentença. (TRASK, 2006, p. 92).

Sentença é “a maior unidade linguística cuja coesão resulta de regras gramaticais rígidas” ou “objeto linguístico formado inteiramente de acordo com as regras de construção das sentenças de uma língua” (TRASK, 2006, p. 263). Enquanto a enunciação é uma realização sonora da língua, uma fala específica, melhor compreendida no seu contexto, por isso enunciados podem ser truncados, fragmentados, a sentença pressupõe uma organização. A

enunciação *O que tem hoje de almoço* por Carolina Maria de Jesus, “que cata(r)va papel e canta(r)va”, cuja fome era professora, de fato, não seria a mesma se proferida pela administração urbana que não cuida das pessoas, mas que devora o mínimo de sobrevivência (JESUS, 2014, p. 25, 29).

Só, rio, porque misturo discursos, vozes, tenho uma mente-retalho. Costuro vias desiguais, girando nos espaços, porque prefiro “redemoinhar aos ventos” a ir por aí, nos caminhos opacos, uniformes. Divagar não cabe nas grandes avenidas. Devagar existo. Quando acho que estou entendendo, a aula termina e corro mais uma vez para não perder o último horário do metrô.

Cansei. Desacelero. Improviso passos, sou uma enunciação pedestre, em minha vida-caminhante habita a “sinédoque” e o “assíndeto”, acho que estou compreendendo as retóricas ambulatórias certeunianas (CERTEAU, 2003, p. 181). Pé, beira da calçada, terra firme; outro, ar. Jogo o corpo. Danço. Voo cortando e substituindo elementos enquanto me apropriado da palavra, embaraços que tantas ve(o)zes me fixavam na mente, no corpo, no espírito. Se o administrador da cidade, o urbanista, o arquiteto, o cartógrafo, o patrão, o colega, o professor, o vizinho, o marido, o filho, suprimiram conexões possíveis das quais eu poderia ter experimentado, se o olhar panóptico deseja corrigir o indisciplinado “voo”, pôr ordem no *speech act*, também eu vou criando meus atalhos, minhas ortografias, tramando o sentido da minha existência.

Pareço o vagabundo Chaplin, que faz tantas coisas com a mesma coisa, e multiplica as possibilidades. Me atrevo a outros caminhos. Encontro vários pedestres, uns com passadas intensas; outros se melindram: “Indefinida

diversidade dessas operações enunciatórias. Não seria possível, portanto, reduzi-las ao seu traçado gráfico”, estático, sintático. (CERTEAU, 2003, p. 179). Sou reprodutiva-uterina dos discursos, de maneira a adotar e embaralhar estilos e normas. Sou aquela que corre, que calminha, que chora, que grita, que sopra, que respira fundo, eu já disse, repito para que não se esqueça:

Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...
Se ao que busco saber nenhum de vós responde
Por que me repetis: “vem por aqui!”?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...

(RÉGIO *apud* ANDRADE, 2009, p. 9)

Tudo já foi dito, é só o leitor voltar à teoria de Michel de Certeau. Eu reproduzo:

As caminhadas dos pedestres apresentam uma série de percursos variáveis assimiláveis a “torneios” ou “figuras de estilo”. Existe uma retórica da caminhada. A arte de “moldar” frases tem como equivalente uma arte de moldar percursos. Tal como a linguagem ordinária, esta arte implica e combina estilos e usos. O estilo especifica “uma estrutura linguística que manifesta no plano simbólico (...) a maneira de ser no mundo fundamental de um homem”. Conota um singular. O *uso* define o fenômeno social pelo qual um sistema de comunicação se manifesta de fato: remete a uma norma. O estilo e o uso visam,

ambos, uma “maneira de fazer” (falar, caminhar etc.), mas um como tratamento singular do simbólico, o outro como elemento de um código (CERTEAU, 2003, p. 179-180, grifo do autor).

Vou saltitando, assoviando e deambulando “o ato de caminhar é um espaço de enunciação”. Dou uma risada. Eu sei. Não recuo nem quatro centímetros nem minimizo a letra em dez, sobre os versos seguintes, quero a Cristiane Sobral mais perto de mim: “Sinto muito. Comecei a ler. Abri outro dia um livro / e uma semana depois decidi. / Não levo mais o lixo para a lixeira. Nem arrumo / a bagunça das folhas que caem no quintal. / Sinto muito. / Depois de ler percebi / a estética dos pratos, a estética dos traços, a ética / A estática. [...] / e sinto que posso começar a ser a todo instante. / Sinto. [...] / Agora que comecei a ler quero entender. / O porquê, por quê? e o porquê. / Existem coisas. Eu li, e li, e li. Eu até sorri.” (SOBRAL, 2010, p. 25). Palavras bonitas. Eu sei. Eu aprendi.

Quase chegando ao metrô, acordo desse vadiar, porque mulher à noite, na rua, só pode ser isto: vadia. Então somos só do dia? Tenho medo. E corro. Corro da noite, na noite, minto, não corro desse feminino, corro “dos noites”. Enquanto corro, refaço-me, enuncio-me, me reinvento, extraio fragmentos de tudo o que ouço, vejo, tato, cheiro, leio, e rodopio as determinações da cidade planejada, tudo isso para atualizar em segredo a cidade metafórica, experimentar a vida como impulso de criação (BERGSON, 1999).

Corro para entrar em algum vagão do metrô. Corro daquele homem. Da encoxada. Da compressão. Corro daquilo que em mim escorre. Corro de medo, do abandono, da violência. Corro e me escondo na lei ordinária municipal

de Belo Horizonte 10.989/2016, que dispõe sobre a reserva de espaço para mulheres no sistema de transporte ferroviário urbano. Respiro. Caminho procurando lugar. Mas “Caminhar é ter falta de lugar”, disse Certeau (2003, p. 183). Não faz sentido. Acho que já estou atalhando, misturando conceitos, realidade, sonho, desejos. 10.989/2016. Nesse número citadino me protejo no olhar cúmplice de outras mulheres que também vivem correndo da cidade que foge do debate. Todo mundo fugindo. Dentro desse espaço vago nas obrigações que ainda tenho por fazer ao chegar à minha casa: filhos e marido. Vago na notícia do celular parcelado, como minha vida, tudo para dar conta do atraso da minha largada: as mulheres dedicam 18,1 horas semanais contra 10,5 dos homens aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos (IBGE, 2018).

Respiro, caminho mais um pouco e procuro me acalmar. Ouço várias conversas naquele vagão, e uma voz no alto falante: A CBTU (Companhia Brasileira de Trens Urbanos) informa – cumprimos a legislação quando oferecemos a vocês, mulheres de nossas vidas, esse vagão chamado rosa, mas somos contrários à medida porque é uma lei de segregação no transporte público (RICCI, 2017). Demos muitas gargalhadas, que até bradamos contra aquela voz do além. Essa mania de justificar, nomear, simbolizar. Vagão Rosa. Redireciono os impropérios:

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: "vem por aqui!"
A minha vida é um vendaval que se soltou,
É uma onda que se levantou,
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,

Não sei para onde vou
Sei que não vou por aí!

(RÉGIO *apud* ANDRADE, 2009, p. 9-10)

Recuo. E se aquela voz fantasmagórica tiver razão? Ao aceitar um espaço marcado, não estaríamos retardando a educação dos homens frente ao corpo feminino, ao passo que, fora desse espaço, nós estaríamos vulneráveis? Protege, de modo paliativo, a mulher e isenta o agressor? Esconde-se a mulher porque ela é a provocadora do desejo masculino? O isolamento não apontaria para o pressuposto de que os homens não conseguem controlar seus desejos e impulsos no espaço público? (ALBUQUERQUE, 2017). Num átimo, de uma pisada à outra, para descansar as pernas, sem me decidir se vou por ali, se vou por aqui, fico sem lugar.

Cheguei em casa. Paro e já ouço uma voz gritando Maria! Abro a porta e observo a cena: marido no sofá, babando, esperando a janta; os filhos, o banho. Sinto falta de ar. Que mormaço. Da última vez que desabafei sobre minha exaustão, negando, pois, as tarefas domésticas, fui agredida porque a justificativa-fugitiva daquele homem alegava que eu estava trabalhando e estudando muito. Meu coração palpita. Entre um passo e outro, se avanço ou retrocedo, vem um vago medo de que a história se repita: “536 mulheres foram vítimas de agressão física a cada hora no último ano (2018), totalizando 4,7 milhões de mulheres (9%) que sofreram empurrão, chute ou batida, conforme dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, juntamente com o Datafolha Instituto de Pesquisa. (SANTOS, 2019). A cidade panóptica tudo vê, mas se cala, cidade é “palavra-chave de uma lei anônima” (CERTEAU, 2003, p. 189).

Parece que escuto meu nome completo: Maria da Penha Maia Fernandes, farmacêutica bioquímica, cujo nome foi usado para a Lei nº 11.340/2006, por ter sido vítima de violência doméstica durante 23 anos. Em 1983, Marco Antônio Viveros tentou assassiná-la por duas vezes: na primeira, com um tiro de arma de fogo, deixando Maria da Penha paraplégica; na segunda, ele tentou matá-la por eletrocussão e afogamento. Após a tentativa de homicídio, a farmacêutica tomou coragem e o denunciou. No entanto, a próxima violência veio de quem detém a palavra-lei, o poder judiciário. Somente em 1991, 8 anos após a denúncia, ocorreu o primeiro julgamento. Porém só em 2001, depois de quatro ofícios de várias convenções, como a Convenção Americana de Direitos Humanos, o Estado Brasileiro foi responsabilizado. Em 2002, Viveros foi punido. No espaço de tempo entre 1983 e 2001, Maria da Penha produziu o livro **Sobrevivi...posso contar** (2012).

No movimento presença-ausência do caminhar, pego as crianças e não retorno àquela casa. Atualizo os meus passos que não constituem em série, em retidão, em produtividade, mas tecem novos trajetos, porque a dança dos passos molda espaços. Acordo assustada, pronta para correr. Dormia em algum vagão. Olhei para o lado, havia uma mulher que terminava de contar para outra a história da Maria da Penha. Então, ela sorriu e perguntou: está tudo bem? Precisa de ajuda?

Respirei e repeti, para não esquecer, as palavras de Júlio Cortázar ao referir-se à raiz do lírico, “que é um ir em direção ao ser, um avançar à procura do ser” (CORTÁZAR, 2006, p. 97). Respondi: queria mesmo era fazer poesia com tudo isso porque a Cecília me disse, certa vez, que poesia é grito, mas

transfigurado” (MEIRELES *apud* BOSI, 2006, p. 461) e a transfiguração faz-se no plano da expressividade, acrescenta Bosi. Eu? Estou sendo: sujeito-espaco em enunciação.

Referências

ALBUQUERQUE, Mariana Imbelloni Braga. **O direito à cidade e a mobilidade de mulheres:** as potencialidades e as críticas às políticas de transporte exclusivo. Disponível em <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares#A>. Acesso em 16.03.2019.

ANDRADE, Alexandre de Melo. Álvaro de Campos, José Régio e Miguel Torga: do olhar absoluto para o olhar relativo. **Estação Literária**. v. 3, p. 3-17, out. 2009. Disponível em <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL3Art1.pdf>. Acesso em: 18.08.2019.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães [et al]. Campinas/SP: Pontes, 1989.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIAGIONI, Bernardo. **Beagá 120 anos:** caminhos invisíveis. Disponível em: <https://guaja.cc/beaga-120-anos/>. Acesso em 16.03.2019.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 460-463.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 18.03.2019.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** volume 1: artes de fazer. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 169-183.

CORTÁZAR, Julio. O canto e o ser. In: CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 97-101.

HARVEY, Davi. Direito à cidade. **Lutas Sociais**, n. 29, p. 73-89, dez. 2012. Disponível em

<https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/18497>. Acesso em 18.03.2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de Gênero:** indicadores sociais das mulheres no Brasil. IBGE 2018. Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica n. 38. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em 18.03.2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LUGAR mais perigoso para mulheres é a própria casa, diz ONU. **Reuters**. 26 nov. 2018. Mundo. Disponível em <https://exame.abril.com.br/mundo/lugar-mais-perigoso-para-mulheres-e-a-propria-casa-diz-onu/>. Acesso em 18.03.2019.

ORTEGA, João. **Conheça a história de Eleonora Mendonça, a mulher que revolucionou a corrida no Brasil**. Disponível em <http://runnersworld.com.br/mulher-na-corrida-de-rua-eleonora-mendonca/>. Acesso em 18.03.2019.

PENHA, Maria da. **Sobrevivi...posso contar**. 2. ed. Fortaleza: Armazém da cultura, 2012.

RESENDE, Rodrigo. **Desafios das mães universitárias e projetos em análise no Congresso**. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/05/17/desafios-das-maes-universitarias-e-projetos-em-analise-no-congresso>. Acesso em 18.08.2019.

RICCI, Larissa. Sem regulamentação, vagão só para mulheres no metrô de BH fica só no papel. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 11 set. 2017. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/09/11/interna_gerais,899343/vagao-so-para-mulheres-no-metro-de-belo-horizonte-fica-so-no-papel.shtml. Acesso em 18.03.2019.

RICCI, Larissa. Mulheres começam a receber apitos para denunciar assédio em transporte público nesta quarta. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 30 out. 2018. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/10/29/interna_gerais,1001334/mulheres-comecam-a-receber-apitos-nessa-quarta-feira-para-denunciar-as.shtml. Acesso em 18.03.2019.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010.

TOKARNIA, Mariana. Mulheres assinam 72% dos artigos científicos publicados pelo Brasil. **Agência Brasil**, Brasília, 23 mar. 2019. Educação. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/mulheres-assinam-72-dos-artigos-cientificos-publicados-pelo-brasil>. Acesso em 29.03.2019.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

WATANABE, Phillippe. Currículo Lattes vai incluir períodos de licença maternidade e paternidade: CNPq vai oferecer preenchimento opcional para verificar impacto de filhos na carreira científica especialmente de mulheres. **Folha UOL**, São Paulo, 27 mar. 2019. Ciência. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/03/curriculo-lattes-vai-incluir-periodos-de-licenca-maternidade-e-paternidade.shtml>. Acesso em 30.03.2019.

Recebido em 2019-07-23
Publicado em 2019-10-25